

A RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM RELAÇÃO ÀS FONTES HISTÓRICAS PELA ÓTICA DE MARC BLOC

Silvana Malavasi ¹
Terezinha Oliveira ²
Viviane da Silva Batista ³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é tecer breves considerações sobre um dos autores mais representativos da historiografia francesa do século XX, Marc Bloch (1886-1944). O propósito das reflexões sobre esse intelectual é expressar como seus escritos contribuíram e contribuem para a produção acadêmico-científica até nossos dias. Dentre o referencial teórico selecionado, utilizaremos como fonte principal a obra *Apologia do Historiador ou Ofício do historiador*, publicada em 1949. O fato de recuperarmos seus ensinamentos justifica-se, principalmente, pela importância que ele deu - e que buscamos enfatizar - ao sentido de estudar história e a historiografia, sobretudo no que propõe a respeito das fontes.

Palavras-chave: Educação. História. Historiografia. Marc Bloch. Fontes.

INTRODUÇÃO

Compreendendo a necessidade em discutir acerca da temática proposta, a finalidade deste texto é refletir sobre a importância do francês Marc Léopold Benjamin Bloch (1886-1944) e expressar o quanto seus ensinamentos contribuíram e contribuem para a produção acadêmico-científica. Seus escritos o consagraram como um intelectual,

¹ Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá - UEM, silvanamalavasi@hotmail.com.

² Professora orientadora: doutora em História, Universidade Estadual de Maringá - UEM, teleoliv@gmail.com.

³ Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá - UEM, vivi.sbatist@gmail.com.

que, preocupado com o pensamento histórico, dedicou-se ao ofício de historiador medievalista, revolucionando o campo da historiografia na primeira metade do século XX.

Em tempos de pouca valoração do ensino e de constantes investidas políticas para a impossibilidade de uma consciência coletiva, discutir acerca da História e a História da Educação é antes de um dever escolar ou acadêmico, uma necessidade humana.

A nosso ver, a História permite o entendimento da temporalidade, o estudo do homem, de suas ações no tempo e no espaço. De modo que, por meio das fontes, consigamos entender os processos e os fatos que antecederam nossa sociedade e as estruturas que a compõe. De acordo, com Figueira (1995), não raramente naturalizamos nosso entorno e relações, é como se o mundo que conhecemos tivesse sido sempre assim, desconsideramos todas as vivências, experiências, conquistas, perdas, lutas, descobertas, dilemas e lições deixadas por homens de épocas remotas, distintas da nossa, ignorando assim que:

[...] é só porque a história já ocorreu que, hoje, nós somos capazes de acompanhar o debate no momento mesmo em que ele se travava e entender o quanto são os homens que fazem a sua história. Ao ver estes homens lutando para que as necessidades históricas de sua época fossem atendidas, nós nos preparamos para entender que as necessidades de nossa época não se realizarão sem a nossa concorrência (FIGUEIRA, 1995, p. 48).

Logo, entendemos que o autor, se refere as ações humanas, incentivadas pelas necessidades e exigências próprias do contexto temporal e espacial, na qual se encontram inseridas. São a gênese dos mitos, das crenças, das cantigas, das pinturas, dos escritos, das lições que, por meio dos intelectuais, das instituições e de registros, vão sendo preservadas ao longo do tempo. Transmitidas, redescobertas, apropriadas, transformadas ou até mesmo refutadas pela próxima geração.

Por essa natureza dinâmica, a História tende a nos conduzir à reflexão a respeito de nós, do outro e de nossas relações com tudo que nos cerca, ou seja, o conhecimento histórico antigo, medieval, clássico ou contemporâneo. Ao discutir as alteridades sociais, permite ao sujeito (re)pensar seu posicionamento ante o mundo, corrobora para a formação humana mais consciente em relação as ações individuais e coletivas. Portanto, ao enxergamos como caminho para a análise dos elementos que constituem a formação

humana e social, tais como o conhecimento, as virtudes, os valores éticos e morais, os hábitos, a vida individual e coletiva.

Compreendendo a necessidade em discutir acerca dessa temática, a finalidade deste texto é refletir sobre a importância do francês Marc Léopold Benjamin Bloch (1886-1944) e expressar o quanto seus ensinamentos contribuíram e contribuem para a produção acadêmico-científica. Seus escritos o consagraram como um intelectual, que, preocupado com o pensamento histórico, dedicou-se ao ofício de historiador medievalista, revolucionando o campo da historiografia na primeira metade do século XX. Segundo Burke (1992); Bloch criou com com Lucien Febvre (1878-1956), a *Escola dos Annales* (1929), movimento historiográfico que:

Para se firmar como corrente historiográfica dominante na França, e estender posteriormente sua influência a outros países da Europa e também da América, os fundadores e consolidadores dos Annales precisaram estabelecer uma arguta e impiedosa crítica da historiografia de seu tempo – particularmente daquela historiografia que epitetaram de História Historizante ou de História Eventual – buscando combater mais especialmente a Escola Metódica Francesa e certos setores mais conservadores do Historicismo. Os Annales, em busca de sua conquista territorial da História, precisavam enfrentar as tendências historiográficas então dominantes, mas também se afirmar contra uma força nova que começava a trazer métodos e aportes teóricos inovadores para o campo do conhecimento humano: as nascentes Ciências Sociais. É contra o pano de fundo deste duplo desafio que o movimento inicia a sua aventura historiográfica (BARROS, 2010, p. 5).

De acordo com o autor, para firmar a corrente historiográfica dominante na França era necessário que o movimento se expandisse por toda a Europa e América. Esta busca de métodos e aportes teóricos, representava um novo campo do conhecimento. O movimento foi responsável por inovações a respeito do pensamento histórico. O fato de recuperarmos seus ensinamentos justifica-se, principalmente, pela importância que ele dera - e que buscamos enfatizar - ao sentido de estudar história e História da Educação, sobretudo no que se diz a respeito das fontes.

METODOLOGIA

Os escritos de Bloch defendem como deve ser o trabalho de um historiador, “Assim como todo cientista, como todo cérebro que, simplesmente, percebe, o historiador escolhe e tria. Em uma palavra, analisa” (BLOCH,2002, p. 128). Desse modo, perpassa pelo rigor metodológico da investigação histórica, que deve ser aplicada à pesquisa acadêmico-científica. Escolhemos esse autor, a obra *Apologia do Historiador ou Ofício do historiador*, publicada em 1949, devido a riqueza relacionada a pesquisa histórica descritas em seu percurso. Esse estudo organiza-se em duas subseções, seguidas pelas considerações finais. A primeira dedica-se à apresentação de Marc Bloch, bem como de suas principais contribuições, enquanto a segunda ocupa-se em recuperar a importância das fontes para a produção acadêmico-científica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Breve relato sobre Marc Bloch

Para compreendermos a importância desse autor medievalista, é necessário fazer um sucinto relato sobre sua vida e obra. É sabido que Marc Bloch é citado em produções científicas, graduação e pós-graduação, no campo da História e da historiografia do Ocidente. Observamos que na Europa Marc Bloch é estudado na Educação básica, ao passo que no Brasil, infelizmente, conhecemo-lo no ensino superior. Quem foi Marc Bloch? Quais foram suas contribuições para o campo da história e da historiografia?

Embora escrever sobre esse autor não seja uma tarefa fácil, visto que, seus escritos fundamentam dissertações, teses, livros e artigos, entendemos que reavivar a seriedade e o discernimento com que ele tratou a história é preservar seu legado, o que deveria ser responsabilidade de todos os envolvidos com a pesquisa.

No dia 6 de julho de 1886, na cidade de Lyon, França, nascia Bloch, filho do professor de História Antiga Gustave Bloch e de família judia (acreditamos que sua inspiração profissional tenha sido herança paterna). Estudou em Paris, Berlim e Leipzig, foi pesquisador da Fundação Thiers, e nesse período teve que interromper seus estudos para ser sargento da infantaria na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), alcançando o grau de Capitão, ocasião na qual foi ferido e recebeu a condecoração militar de valentia e bravura.

Após o término da Primeira Guerra Mundial dedicou-se a sua profissão, ingressou na universidade de Estrasburgo, onde teve o primeiro contato com Lucien Febvre, o que se justifica em linhas gerais, principalmente pela incentivo e valorização direcionados às atividades humanas:

[...] a revista dos *Annales* daria origem a todo um movimento de renovação na historiografia francesa e que está na base do que hoje chamamos de “Nova História”. Nos primeiros números - e apesar do predomínio de artigos de historiadores econômicos - ficaram expressas as prerrogativas do grupo: o combate a uma história narrativa e do conhecimento, a exaltação de uma “historiografia do problema”, a importância de uma produção voltada para todas as atividades humanas e não só à dimensão política e, por fim, a necessária colaboração interdisciplinar (SCHWARCZ, 2001, p. 10).

Voltando-se para história propriamente dita, a proposta da revista *Annales*, escrita por Lucien Febvre e Marc Bloch, contribuiu e contribui até hoje, para que o pensamento histórico. Para que não seja reduzido a simples narrativas de fatos, expressando enfadonhamente nomes e datas – ao contrário, que conduza à construção de análises que consideram a “historiografia do problema” sendo a relação entre o homem, a sociedade e o tempo. Para Bloch é impossível um historiador desconhecer a história ou seja, a união da história com as disciplinas acadêmicas. Todo historiador deve analisar os vários setores interdisciplinares, sejam toponímia, geografia, sociologia, psicologia ou economia política.

Em 1936, Marc Bloch sucedeu a Henri Hauser como professor de história econômica na universidade de Sorbonne. Publicou em 1940 *A sociedade feudal*, composta em dois volumes. E no período da Segunda Guerra mundial (1939-1945) ganhou maior destaque e reconhecimento pelo seu trabalho, já era um historiador consagrado. Em 1940 alistou-se no exército para defender sua pátria contra os nazistas. Neste mesmo período formou-se na França um grupo chamado de “França de Vichy”, liderada pelo Marechal Pétain, no qual Marc Bloch foi oposição e acabou sendo perseguido.

De acordo com a obra *A Europa em Guerra*, do historiador Norman Davies (2008), Marc Bloch sempre observava que era “um francês de ascendência judaica”. Devido a sua descendência e oposição a Pétain alistou-se na Resistência Francesa usando o pseudônimo de “Norbonne”. Foi descoberto, preso, torturado e morreu fuzilado pelos nazistas no dia 16 de junho de 1944. No período que antecedeu sua execução,

enquanto em cárcere, redigiu a obra *Apologia do Historiador ou Ofício do historiador*, que foi anotada por Étienne Bloch em 1949, seu filho primogênito.

A importância das fontes históricas na produção científica

A reflexão em torno das fontes justifica-se atualmente pelo fato de que entendemos sua importância para a produção acadêmico-científica, especificamente no campo da história e da história da educação. De um modo geral, fonte é a matéria-prima do historiador/pesquisador, sem ela não existem pesquisas. Ao tratarmos desse tema percebemos a riqueza dos caminhos trilhados e defendidos nos escritos de Marc Bloch, que nessa obra “[...] não se contenta em definir a história e o ofício de historiador, mas quer também assinalar o que deve ser a história e como deve trabalhar o historiador” (LE GOFF, 2001, p. 16)).

Outro aspecto dessa obra é sua introdução, explicando que a partir de uma indagação do filho a respeito da utilidade da história é que Bloch principia a conceituação da História e do historiador. Nesse momento percebemos que tanto a postura respeitosa pelo ‘ignorante’ quanto a simplicidade adotada por esse intelectual ao se fazer entender, muitas vezes é artigo raro no meio acadêmico atual, que mais oprime do que liberta: “[...] Sobre o livro que se vai ler, gostaria de dizer que é a minha resposta. Pois não imagino, para um escritor, elogio mais belo do que saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares.” (BLOCH, 2001, p.41). Saber falar aos doutos e aos escolares com a mesma segurança e simplicidade sinalizam amadurecimento intelectual, aspecto esse que é fundamental ao raciocínio traçado pelo autor nessa obra, já que ele considera a problematização do passado como um ofício que exige debates e discernimento para compreender que o passado, não pode ser mudado, mas que, no entanto “[...] conhecimento do passado está em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (BLOCH, 2001, p. 75).

Por meio dessas palavras, o autor nos convida a refletir sobre o trabalho do pesquisador, bem como no desafio em que ‘lidar’ com o passado pode representar, pois “[...] uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente” (CERTEAU, 2006, p. 34), ou seja, é o pesquisador, em seu tempo, que ao olhar para o passado investiga-o e confronta-o.

Pensando nisso, o pesquisador tem a missão de tentar compreender a si e a suas relações para ter condições de confrontar o passado em busca de provas que o ajudem a preencher as lacunas, a fundamentar seus objetos e a responder seus problemas. Logo, vale ressaltar que no campo da história e na história da educação, em alguns momentos, consideravam-se apenas fontes oficiais escritas, tais como atas, relatórios cunhados por autoridades, regulamentos, legislações, discussões de parlamentares, programas de ensino e estatísticas. A esse respeito:

É preciso, antes de tudo, observar que, desde algumas décadas, a História tem ampliado significativamente ser conceito de fontes, considerando que tudo constitui fonte para os estudos históricos. Além das fontes escritas, o vestuário, os objetos de decoração, a fotografia, utensílios em geral, etc. constituem materiais com que o historiador procura recuperar a vida dos homens do passado. (MENDES, 2011, p. 205).

Em relação à natureza das fontes, pode-se trabalhar com as mais diferentes naturezas, de modo que o historiador tem a liberdade para selecioná-las e investigá-las tal qual um detetive. As pesquisas relacionadas à historiografia da educação buscam encontrar nas fontes dados, informações que possam evidenciar os acontecimentos; ou melhor, fundamentar a atividade humana e, em específico, as relações sobre as questões educacionais consideradas objetos de pesquisa, dado que a “[...] diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p.79).

Nesse sentido, destacamos a responsabilidade do pesquisador em relação as fontes, Mendes (2011) observa que:

É preciso lembrar algo óbvio, que, na prática, parece não sê-lo: as fontes não foram produzidas como fontes. Num primeiro momento fizeram parte da história, foram produzidas para atender a determinadas finalidades; somos nós, estudiosos das questões relativas ao passado, que as transformamos em fontes de pesquisa. Os materiais que transformamos em fontes de documentos, foram elaborados para diferentes finalidades e com motivações distintas. (MENDES, 2011, p.205).

Cabe ao pesquisador selecionar suas fontes, sabendo interrogá-las, pois ao investigar sobre os homens nos deparamos com um objeto que nos leva a considerar vários aspectos relacionados ao problema de cada pesquisa. Problematizando

metodologicamente a pesquisa podemos constatar que as perguntas feitas para as fontes devem ser organizadas, e afastadas de qualquer julgamento, e sim aproximadas da compreensão na busca da verdade, pois:

[...] são as perguntas que o pesquisador tem a fazer ao material que lhe conferem sentido e, no limite, enquanto houver perguntas, o material não está suficientemente explorado. Nesse sentido é que se diz que uma fonte nunca está esgotada e que a história é sempre reescrita, na medida em que depende do problema proposto a ser enfrentado e, portanto, do tipo de pergunta que lhe é formulada. Esta, por sua vez, é sempre resultado de um olhar que, do presente, o pesquisador(a) lança ao passado (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 92)

As afirmações da citação, nos afiança que “[...] os textos ou os documentos arqueológicos, mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los” Bloch (2001, p. 79). O que importa observar que o autor faz um alerta sobre alguns pontos da pesquisa, dentre os quais, observa que o pesquisador precisa ser criterioso em relação à seleção das fontes, pois, embora algumas pareçam verdadeiras, não são.

Dessa forma, o que nos chama atenção para a criticidade – que nesse caso, funciona como recurso para verificação da credibilidade da ‘fonte’, aconselhando ao pesquisador que não a glorifique ou demonize-a, mas analise-a criteriosamente e criticamente usando diferentes métodos até que sua veracidade seja atestada ou não. A exemplo, cita os documentos do período medieval, escrevendo que “[...] não existe pior desperdício do que o da erudição quando gira no vazio, nem soberba mais deslocada do que o orgulho do instrumento que se toma por um fim em si” (BLOCH, 2001, p.93). Cabe aqui a reflexão sobre o papel do pesquisador, que deve ter em si a humildade e a sabedoria para encontrar nas suas fontes as respostas mais verídicas possíveis, pois pode por ignorância ou arrogância creditar seus argumentos e pesquisa em falácias.

No que tange a veracidade das fontes, o autor crítica e exemplifica por meio das características do Medievo:

A Idade Média sobretudo do século VIII ao XII, apresenta um outro exemplo dessa epidemia coletiva. Decerto, a maioria dos falsos diplomas, dos falsos decretos pontificais, das falsas capitulares, então forjados em tão grande número, o foi por interesse. Assegurar a uma igreja um bem contestado, apoiar a autoridade da Sé romana, defender os monges contra o bispo, os bispos contra os metropolitanos, o papa contra os soberanos temporais, o imperador contra o papa [os falsários não enxergavam mais longe]. O fato característico não deixa de ser que

personagens de uma piedade e, não raro, de uma virtude incontestáveis não hesitavam em lançar mão desses embustes (BLOCH, 2001, p. 99).

A partir da exemplificação, percebemos como deve ser o papel do pesquisador em relação às fontes, o fato é que as falsificações existem desde de muito cedo e em uma época tão tecnológica quanto a nossa, a tendência é a intensificação, por isso, os ensinamentos de Bloch quanto a criticidade e análise criteriosa das fontes são fundamentais para a prevenção a esses 'embustes'⁴, visto que não existe receita pronta e certa, o pesquisador deve “[...] mover-se entre dois extremos: a similitude que justifica e a desacredita [...]” (BLOCH, 2001, p. 112). Assim, parafraseando Lopes de Galvão (2001), a responsabilidade da verificação da fonte recai sobre o pesquisador, a ele cabe a sensibilidade, o bom senso, a criticidade e o rigor para analisar e validar suas fontes.

Compreendemos, portanto, que o pesquisador pode se utilizar de diferentes fontes para responder ao problema da sua pesquisa, ou também visitar a mesma fonte várias vezes, desde que consiga estabelecer critérios metodologicamente para que chegar o mais próximo possível da verdade, comprovando os fatos relacionados à sua produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das reflexões até aqui expostas, destacamos a importância das fontes e a responsabilidade do historiador/ pesquisador; dada a evidente utilidade das fontes na atribuição de veracidade às pesquisas, essa discussão deveria interessar a pesquisadores de todas as áreas, não apenas aos da história e da História da Educação. Além disso, conforme defendido por Mendes (2011, p.205), a postura do pesquisador antecede esse debate acerca da fonte, pois ela será interpretada a partir das percepções daquele que a analisa, ou seja, o modo como a fonte é explorada e até mesmo validade ou não como fonte.

As lições de Marc Bloch, principalmente na obra *Apologia do Historiador ou Ofício do historiador* (1949), relembram ao historiador e/ou pesquisador a quem cabe o dever da escolha das fontes e os critérios que devem ser considerados nesse processo, bem como a importância em manter um diálogo constante entre as fontes e o objeto da pesquisa, considerando todos os aspectos do pensamento histórico.

⁴ Mentiras

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor nos leva a compreender que o passado pode ser analisado de diversos ângulos. Um mesmo fato pode ter mais de uma versão, tudo depende de como ele é analisado, por quem, por quê e quando, ou seja, é o presente que motiva a visita ao passado, bem como é dele que se originam as dúvidas, e as (re)interpretações. Portanto, ainda que discuta-se sobre o princípio da neutralidade, a escolha do objeto em si, já não presumiria indícios de algum interesse de natureza íntima por parte do pesquisador? Se a escolha das fontes, a investigação e a análise são responsabilidades do pesquisador, não estaria a pesquisa imbuída em seu ‘pensar’ e vice-versa? Como separá-los?

Sim, obviamente a pesquisa exige seriedade e ética, mas presumir que coletar fontes basta para que a pesquisa se materialize é tolice. A nosso ver, as pesquisas, estão desde suas gêneses, enveredadas aos pesquisadores, são elegidas, conduzidas e concebidas pelas percepções de seu criador em relação ao tempo e espaço em que ele se encontra inserido – resta-nos a crença em sua formação, para que ainda assim, o pesquisador busque aproximar sua pesquisa o máximo possível da verdade, para então compartilhá-la com a comunidade.

Por fim, essas e tantas outras reflexões só são possíveis pelas transformações trazidas pela iniciativa de Bloch e Febvre com a inauguração da *Escola dos Annales*, que ao problematizar a história contrastou com o modelo tradicional que estava posto, a partir desse movimento, os estudos historiográficos puderam explorar outras linhas teóricas em uma perspectiva mais interdisciplinar e moderna, estabelecendo um diálogo muito mais próximo com as questões humanas e não apenas com as questões de natureza política, relacionando-se mais à filosofia, à educação e outras áreas.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Costa D. Assunção. A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 4, n. 8, 2010.

BLOCH, March. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. - Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2006.

DAVIES, Norman. **A Europa em Guerra (1939-1945)**. Lisboa: Edições 70, 2008.

FIGUEIRA, Fani Goldfarb. Reflexões sobre a história. **Revista InterMeio**, Campo Grande, MS, v. 01, n. 01, p. 37-43, 1995a.

FIGUEIRA, Fani Goldfarb. Literatura e História. **Revista InterMeio**, Campo Grande, MS, v. 01, n. 02, p. 46-58, 1995b.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, March. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MENDES, Claudinei Magno Magre. A importância da pesquisa de fontes para estudos históricos. **Acta Scientiarum Education**. Maringá, v.33, n.2, p. 205-209, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação à edição brasileira. In: BLOCH, March. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001